

14 a 21 de Julho de 2024 **monsaraz**
museu aberto



**EU
SOU DEVEDOR
À TERRA**

Ficha técnica

Organização

Município de Reguengos de Monsaraz

Coordenação

António Fialho

Programação

Arlinda Ribeiro

Produção:

Toda a equipa do Município de Reguengos de Monsaraz sem os quais não seria possível realizar este evento.

Design gráfico

Bernardo Providência

Fotografia catálogo

José M. Rodrigues

Design têxtil

Cláudia Dias

Patrocínio

Esporão

Impressão

Greca Artes Gráficas

Tiragem

600 exemplares

Depósito Legal

534395/24

Monsaraz, julho de 2024

A Bienal Cultural Monsaraz Museu Aberto, um festival que começou em 1986, retorna este ano com uma programação inovadora e um tema profundamente relevante: “Eu Sou devedor à terra”.

Este evento, que sempre foi um ponto de encontro para artistas, músicos, intelectuais e a comunidade local, promete uma abordagem crítica e analítica sobre a terra nas suas diversas vertentes, incluindo a geografia, geologia, agricultura e o meio ambiente. Inspirando-se nas edições de 2000 e 2004, onde o foco foi a Água, coincidente com o enchimento da Barragem de Alqueva e a Paisagem, com ênfase nas transformações causadas pela barragem, a edição deste ano quer falar da Terra.

O objetivo é explorar e discutir os perigos iminentes que todos nós enfrentamos caso não haja uma ação decisiva para reverter os processos de degradação ambiental e mudança climática.

A bienal de 2024 apresenta uma programação diversificada que vai além das tradicionais exposições de arte. Estão planeadas palestras e debates que se propõem a ser críticos e analíticos, abordando questões urgentes relacionadas com a sustentabilidade, conservação do solo e os impactos da agricultura intensiva.

Especialistas de várias disciplinas serão convidados a partilhar as suas perspetivas e soluções para reservar a terra a que tudo devemos. Além

das discussões teóricas a Arte, como sempre, desempenhará um papel central na bienal.

A edição do Monsaraz Museu Aberto 2024 cruza as várias manifestações de arte que trazemos de fora com a arte das nossas terras, das nossas gentes que tanto impactam na nossa identidade enquanto povo. Artistas locais e internacionais apresentarão obras que refletem as suas interpretações sobre a relação entre a humanidade e a terra.

Exposições de pintura, instalações e performances ao ar livre permitirão aos visitantes uma imersão sensorial e emocional no tema, criando uma consciencialização mais profunda e pessoal sobre a importância de cuidar do nosso planeta.

Monsaraz, com a sua rica história e beleza natural, torna-se novamente um palco vibrante para a reflexão e para a ação. O Museu Aberto 2024 não é apenas um evento para admirar obras de arte, mas uma chamada à ação para todos os que reconhecem a urgência de proteger a terra-a matéria, o planeta, a nossa terra.

Como devedores à terra, somos todos chamados a participar, aprender e agir para garantir um futuro sustentável para as próximas gerações.

Marta Prates

Presidente da Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz

“Eu sou devedor à Terra”

Este foi o primeiro verso que se ouviu em 2014 em Paris no dia 27 de novembro na sede da UNESCO após o Cante Alentejano ter sido declarado património cultural imaterial da Humanidade. Um grupo de Homens (grupo da casa do povo de Serpa) entrou na sala e cantou Eu Sou Devedor à Terra/a Terra me está devendo/ A terra paga-me em vida/eu pago à terra em Morrendo/ Alentejo Alentejo terra sagrada do pão...

Neste ano em que passamos 10 anos sobre este reconhecimento internacional sabemos que ele trouxe tantas coisas, algumas muito boas outras talvez menos, mas trouxe um orgulho das novas gerações em pertencer a esta terra e a cantar. Hoje há mais gente nova que canta, que é devedor à terra, que reconhece essa dívida.

Mas o que devemos à terra? À nossa terra?

Desde logo uma espécie de reciprocidade por tudo o que nos dá. E essa é uma dívida que parece crescer ao ritmo que cresce a nossa febre de consumo e de excesso.

A nossa vida hoje baseia-se no excesso, no ruído, no parecer, e sobretudo em ter muitas coisas, na quantidade. Vivemos na cultura do excesso.

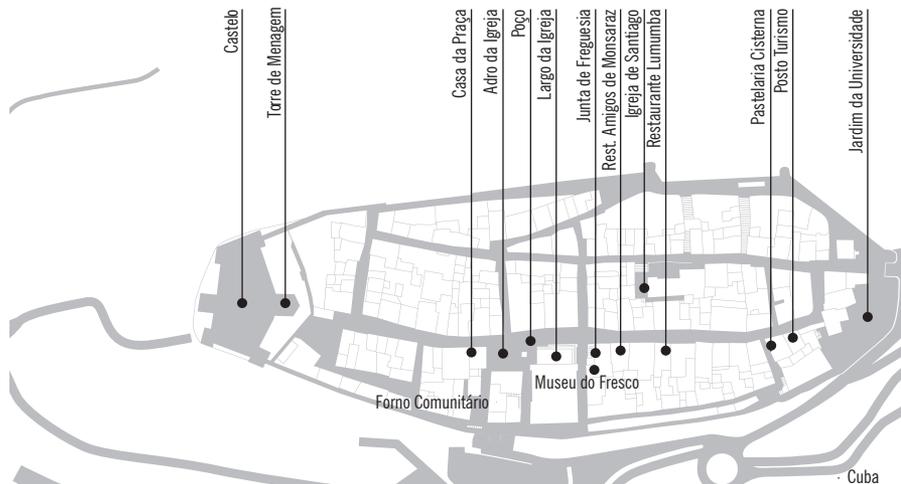
A programação cultural, em particular a pública, não se deve basear apenas no entretenimento fácil mas

procurar divulgar, sensibilizar, desassossegar para uma reflexão e mudança de comportamentos colectivos e individuais e propor uma programação que convida a uma maior ligação às grandes questões do nosso tempo e da nossa região relacionadas com a nossa terra e que nos mostre que precisamos desesperadamente de pensar o nosso modelo de desenvolvimento e de crescimento sem limites. Este programa procura essa sensibilização em linha com a coerência de exposições, espectáculos, conversas, palestras discussões e incursões na terra pela paisagem dentro.

Estendemos o Museu Aberto às aldeias da freguesia porque sabemos que a Vila precisa da sua envolvente. Sem a paisagem quase pura, com um lado virado para a água e outro para a terra, Monsaraz não teria o encanto único que tem.

Monsaraz Museu Aberto 2024 propõe-se trabalhar este ano o tema da terra, a partir deste verso da moda que há 10 anos marcou o reconhecimento internacional do Cante. Escolhemos um caminho arriscado que foge aos modelos dominantes.

Nem sempre, e cada vez menos, quantidade é sinónimo de qualidade e de bem estar. A terra está sempre a ensinar-nos os malefícios do excesso e isso é certamente algo que lhe devemos.



Domingo, 14 de Julho

17:00 | Inauguração

19:00 | Monsaraz, Igreja de Santiago

Palestra: A Terra, que Futuro?

Filipe Duarte Santos - Geofísico, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

22:00 | Monsaraz, Castelo

Concerto: Dulce Pontes

Segunda-feira 15 de Julho

17:00 | Monsaraz, Igreja de Santiago

Palestra: O Pecado Original - Agricultura intensiva do Neolítico aos nossos dias

Manuel Calado - Arqueólogo

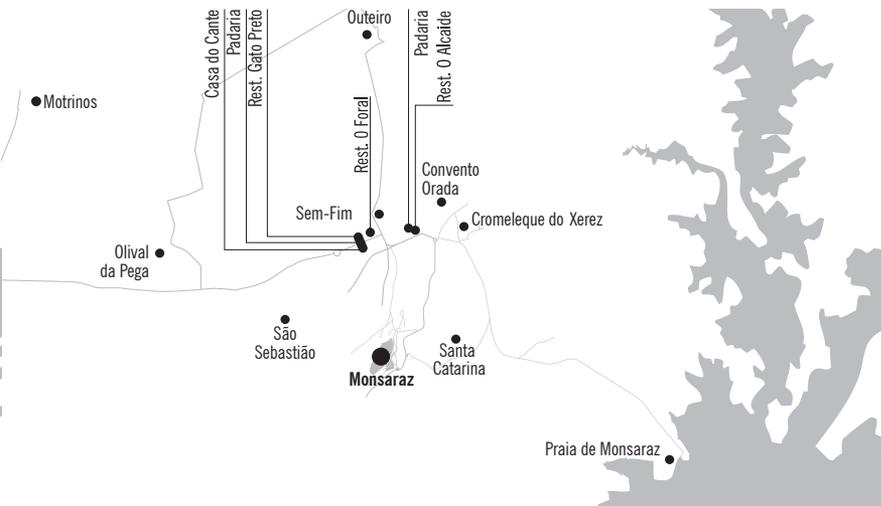
19:00 | Barrada, Centro de Convívio de Barrada

Concerto - Grupo Saxofones jantar - Gastronomia alentejana

inscrição prévia - 20€ | 966514773

22:00 | Monsaraz, Castelo

Concerto: Banda da Sociedade Filarmónica Harmonia Reguenguense



Terça-feira 16 de Julho

07:00 | Praia de Monsaraz

Yoga na Praia

Áshrama Évora Dhyána, Centro do Yoga, Évora

17:00 | Monsaraz, Igreja de Santiago

Conversa: O extensivo e o intensivo na paisagem do Alentejo - Transformações valor e futuro

Teresa Pinto Correia | José Muños-Rojas, Univ. de Évora
Marta Cortegano Associação Terra Sintropica, Mértola

19:00 | Motrinos, Casa das Avós (antiga escola primária)

Exposição: A Boda na Aldeia

Concerto: Lizete Morais

Jantar na Escola | inscrição prévia - 20€ | 967640224

21:00 | Monsaraz, Largo D. Nuno Álvares Pereira

Dança: Grupo de Dança Contemporânea Sénior da Freguesia de Monsaraz

22:00 | Monsaraz, Largo D. Nuno Álvares Pereira

Dança: Força da Natureza

ADAP-SAR Danças Urbanas de Reguengos de Monsaraz

Quarta-feira, 17 de Julho

17:00 | Monsaraz, Igreja de Santiago

Conversa: Alentejo - Agricultura, paisagem e despovoamento

Alfredo Cunhal Sendim - Herdade Freixo do Meio, Montemor
António Guerreiro - Ensaísta

18:00 | Monsaraz, Largo D. Nuno Álvares Pereira

Oficina do Pão - Venha pôr a mão na massa

Forno Comunitário

19:00 | Monsaraz, Porta da Vila

Percurso Ilustrado, Monsaraz, Cromeleque de Xerez, Convento da Orada

Caminhada, performance, concerto, jantar
Abraham Cupeiro/Eborae Música
Companhia de Dança Contemporânea de Évora
Inscrição prévia, jantar no Convento da Orada 910630063

22:00 | Telheiro, Moagem Sem-Fim

Concerto: João Hasselberg

Minimal electronic

Quinta-feira, 18 de Julho

17:00 | Monsaraz, Igreja de Santiago

Palestra: Da Terra Chão à Terra Pão

Galopim de Carvalho - Geólogo

18:00 | Monsaraz, Largo D. Nuno Álvares Pereira

Oficina do Pão - Venha pôr a mão na massa

Forno Comunitário

18:30 | Monsaraz, Largo D. Nuno Álvares Pereira

Percurso Ilustrado de Monsaraz à Ermida de Santa Catarina

Caminhada, concerto, fantoches

Grupo Maurioneta, Sara Sotiry, Coro da Banda

Filarmónica Harmonia Reguenguense

Meditação Guitta, Joaquim Caeiro

21:00 | Monsaraz, Igreja de Santiago

Recital de Harpa: Angélica Salvi

22:00 | Monsaraz, Castelo

Concerto: Gonçalo Pescada - Acordeão &

Quinteto Sull'a Corda

Sexta-feira, 19 de Julho

10:30 | Monsaraz, Jardim da Casa da Universidade

Oficinas para Crianças e Adultos

Fabricação de papel artesanal, cianotipia - Claudia Dias

Oficina de Origami - CACI, Santa Casa da Misericórdia

Oficina de Cerâmica (Roda de Oleiro) Rui Patalim

17:00 | Monsaraz, Igreja de Santiago

Conversa: Terra chã para a agricultura, terra chã para a arquitectura integrada.

Victor Mestre, Maria Fernandes - arquitectos

18:00 | Monsaraz, Largo D. Nuno Álvares Pereira

Oficina do Pão - Venha pôr a mão na massa

Forno Comunitário

19:00 | Outeiro, Centro de Convívio

Oficina do Gaspacho, jantar e Ensemble de Clarinetes

inscrição prévia - 20€ | 962549354

21:00 | Monsaraz, Largo Igreja de Santiago

Cinema: A Tempestade (Monsaraz 2012)

Teresa Garcia

21:30 | Monsaraz, Igreja de Santiago

Recital de cravo: Cristiano Holtz

Sábado 20 de Julho

10:30 | Monsaraz, Jardim da Universidade

Oficinas para Crianças e Adultos

Fabricação de papel artesanal, cianotipia - Claudia Dias

Oficina de Origami, CACI, Santa Casa da Misericórdia

Oficina de Cerâmica (Roda de Oleiro) Rui Patalim

17:00 | Monsaraz, Igreja de Santiago

Palestra: Terra e Território com Monsaraz ao Fundo

Jorge Gaspar - Geógrafo

18:00 | Monsaraz, Largo D. Nuno Álvares Pereira

Oficina do Pão - Venha pôr a mão na massa

Forno Comunitário

19:00 | Monsaraz, Largo D. Nuno Álvares Pereira

Percurso Ilustrado, Monsaraz, S. Sebastião, Casa do Cante

Caminhada com Monsaraz a Caminhar Isidro Pinto e

Mestre Tavares

Recital: Ustad Fazel Sapan - Afeganistão

Concerto: Grupo Coral da Freguesia de Monsaraz

Cante à volta da mesa - jantar

Inscrição prévia - 20€, gcdfmonsaraz@gmail.com

19h30 | Cromeleque do Xerez

Aula de Yoga ao Pôr do Sol

Áshrama Évora Dhyána, Centro do Yoga, Évora

22:00 | Monsaraz, Torre de Menagem do Castelo

Dança vertical: Del Revés

23:00 | Monsaraz, Castelo

Concerto: Melingo - Argentina

Domingo, 21 de Julho

10:30 | Jardim da Casa da Universidade

Oficinas para Crianças e Adultos

Fabricação de papel artesanal, cianotipia - Claudia Dias

Oficina de Origami - CACI, Santa Casa da Misericórdia

Oficina de Cerâmica (Roda de Oleiro) Rui Patalim

11:00 | Monsaraz, Igreja de Santiago

Conversa: Eu Sou Devedor à Terra

José Pacheco Pereira, Ana Paula Amendoeira,

Historiadores

17:00 | Monsaraz, Igreja de Santiago

Apresentação do Arquivo digital do Cante

Florencio Cacete, Mariana Cristina

19:00 | Olival da Pega

Recital no Olival - Piano

Tiago Mileu

22:00 | Monsaraz, Largo D. Nuno Álvares Pereira

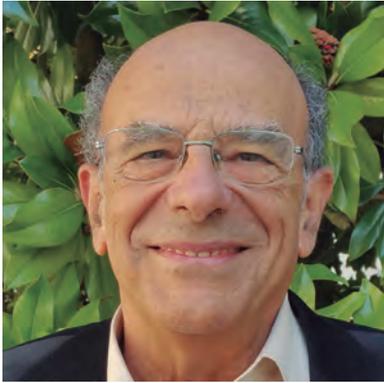
Gala do Cante

Teresinha Landeiro, Grupo Coral da Freguesia

de Monsaraz, Grupo Coral da Casa do Povo de

Reguengos de Monsaraz, En'Canta Modas, Manuel

Sérgio, José Farinha



A Terra, que Futuro?

Filipe Duarte Santos
Geofísico, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Professor Catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, doutorado em Física Teórica e Presidente do Conselho Nacional do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável. Foi Vice-Presidente da Comissão das Nações Unidas para os Usos Pacíficos do Espaço Exterior, delegado da Conferência das Partes do Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre alterações climáticas e coordenador do projecto SIAM, “Mudanças Climáticas em Portugal. Cenários, impactos e Medidas de Adaptação.



Dulce Pontes

É uma das cantoras portuguesas mais populares e reconhecidas internacionalmente. Em Portugal, recebeu especial destaque na década de 1990, sendo hoje o seu nome ainda hoje considerado como um dos mais consagrados do cenário musical português. Dulce Pontes interpreta canções pop - mais concretamente canções que podem ser enquadradas no género adult contemporary -, música portuguesa típica – inclusivamente fado e folclore –, bem como música clássica. Costuma definir-se como uma artista da world music. É compositora, poeta, arranjadora e produtora. A sua atividade artística contribuiu para o renascimento do fado nos anos noventa do século passado. Dulce distingue-se principalmente pela sua voz, que é versátil, dramática e com uma capacidade invulgar de transmitir emoções. É uma soprano dramática, com uma voz potente. Atuou em palcos como o Carnegie Hall e ao lado de nomes como Ennio Morricone, Andrea Bocelli e José Carreras.



O Pecado Original: Agricultura intensiva do Neolítico aos nossos dias

Manuel Calado
Arqueólogo

Licenciado em História e Arqueologia pela UL (1990), Mestre em História e Arqueologia pela UL (1995) e Doutor em História e Arqueologia pela UL. É actualmente professor convidado no Instituto Politécnico de Setúbal. Trabalha na área da Arqueologia Pré-Histórica, actuando principalmente na Arqueologia Pública, prospeção arqueológica, desenho arqueológico, megalitismo, neolitização e arte rupestre.



Banda da Sociedade Filarmónica Harmonia Reguengense

Monsaraz, Varanda de Pandora versada e multisciente:

Cada metro quadrado da pitoresca vila medieval de Monsaraz é um episódio de história viva. Este concerto é assim, sinonimamente, uma verdadeira epopeia pela cronologia cultural que traça cada lage erigida nesta pérola ainda em descoberta. Propõe uma escuta que viaja desde o império Persa, a inteligibilidade do Al-Andalus, a importância do mar para assentar a Terra e termina nos Perdigões e nas Cem velas de July. Um programa temático, que apesar da diversidade, depõe a correlação na determinante jornada lusitana por terra e mar, o que nos influenciou, quem nos conquistou mas também nos iluminou. A luz muitas vezes é invisível aos olhos, é sensorial mas também sentimental. Reguengos,- planície alentejana e a dolência das paisagens foram motivo de alarde e inspiração para tantos seres maiores. O monte dos Perdigões, o Freitas Branco, o Joly beberam desse privilégio. Por isso, ser devedor à terra é sem qualquer sacrilégio afirmar que somos devedores daquilo que eles nos deixaram. Voltando à luz, auguramos que seja cromática e efervescente. Isso são sinónimos da música deles.

Olhos fechados, ouvidos abertos e alma receptiva .
Um, dois, três ... que comece a viagem!

A Banda da Sociedade Filarmónica Harmonia Reguenguense é uma das mais prestigiadas bandas filarmónicas nacionais. Fundada a 21 de janeiro de 1886 é uma das associações com maior proliferação musical na nossa região. Detentora de um historial vasto, rico e glorioso. Foi, e é berço de alguns dos maiores nomes da música com estatuto nacional. Ao longo da sua história tem marcos determinantes dos quais se destacam inúmeros prémios conquistados em concursos nacionais e internacionais, concertos em auditórios de dimensão artística sobejamente conhecida como o caso do da Sala Suggia da Casa da Música do Porto mas também a sua versatilidade e latitudes variadas na abrangência estilística, como é prova disso o recente concerto com a fadista Sara Correia, em estreia mundial.

Sucesso este potenciado pelos seus distintos maestros e diretores artísticos dos quais se destacam nomes como José da Silva Domingues, António das Neves Ramalho, José Filipe Guerreiro e António Menino.

Desde março de 2024 as rédeas artísticas da casa estão sobre a alçada do reguenguense João Defeza.



Côro Polifónico da Sociedade Filarmónica Harmonia Reguenguense

Inserido no ciclo de concertos de bolso, promovidos por este agrupamento vocal. Ensemble totalmente amador, a maioria não leitores musicais. Fazem da experiência e do seu rigor técnico os seus maiores aliados. Um grupo multi-geracional que promove a cultura e a música vocal polifónica de uma forma apaixonante. Trazem para este concerto um repertório eclético e com um assento histórico vincado. O cancionero medieval da corte espanhola versus a música popular portuguesa harmonizada e recolhida pelo génio de alguém que conhece a terra e as gentes como poucos. Fernando Lopes -Graça.

O Coro Polifónico da Sociedade Filarmónica Harmonia Reguenguense foi fundado em 1997 e conta já com uma larga experiência nacional e internacional. Actuou em todo o território nacional bem como além fronteiras, nomeadamente no concurso de Advento em Praga onde conquistou a medalha de bronze, ou podemos destacar ainda o Sacre Coeur e Basílica de Nossa Senhora de Fátima em Paris. Integrando o coro participativo no evento, foi um dos grupos intervenientes na inauguração da nova Basílica de Fátima, tendo honras de estado.



Ensemble de Clarinetes da Sociedade Filarmónica Harmonia Reguenguense

Direcção Musical : João Defeza

Elementos: Andreia Varela, Beatriz Leal, Carlota Tiago, Eunice Gil, Joana Pinheiro, Leonor Aleixo, Rui Quintas

Será possível encerrar os matizes, sensações e sonoridades de uma orquestra inteira num grupo reduzido ? Este grupo prova-nos que sim. Caracterizado por uma versatilidade ímpar e a frescura tantas vezes perdida nos tempos modernos. Trazem até nós a linguagem de um instrumento com capacidades ímpares e ligam a audição ao lado mais metafísico. Retratam que numa família existem diferentes funções, e que cada um transforma o todo no elemento nuclear.

De concerto para concerto surpreendem o auditório com programas rejuvenescidos, e levam a quem os escuta a serem parte integrante do concerto. Um momento que vai de “A” a “Z” e que por vezes nos transporta para outro abecedário diferente. O mote: “Sou devedor à terra”, mas ligados à alta voltagem.



O extensivo e o intensivo na paisagem do Alentejo. Transformações valor e futuro

Teresa Pinto Correia | José Muñoz-Rojas
Universidade de Évora
Marta Cortegano
Associação Terra Sintropica, Mértola

Teresa Pinto Correia

Doutorada em monitorização e Gestão da Paisagem nas Áreas Rurais Europeias: Estudos de caso Monitorização e Gestão da Paisagem nas Áreas Rurais Europeias: Estudos de Caso Dinamarqueses e Portugueses da Dinâmica dos Padrões da Paisagem (Universidade de Copenhaga, 1993)
Fez o Mestrado Europeu em Ciências do Ambiente, opção Gestão do Ambiente (1988)
Licenciou-se em: Geografia (Universidade Clássica de Lisboa, 1984)
É Professora Catedrática-Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento da Universidade de Évora

José Muñoz-Rojas

Em 2010 concluiu o doutoramento em Geografia Ambiental e Ordenamento do Território focado em Paisagens Rurais Mediterrânicas na Universidade de Castilla-La Mancha (Espanha). Atualmente é professor auxiliar de geografia e ecologia da

paisagem no departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento da Universidade de Évora. O principal objetivo da sua investigação é conceber novas abordagens para enfrentar os complexos desafios socioecológicos no Mediterrâneo e outras paisagens e territórios rurais europeus.

Marta Cortegano

Marta Cortegano é Licenciada em Engenharia Florestal (Pré-Bolonha), Mestre em Gestão e Conservação dos Recursos Naturais e pós graduada em Ciências da Sustentabilidade – Recursos, Alimentação e Sociedade.

É co-fundadora e diretora da Terra Sintrópica, com sede em Mértola, e do PREC – Processo regenerativo em curso.



Grupo de Dança Contemporânea Sénior da Freguesia de Monsaraz

Um encontro de mulheres que dançam sem medo, o que podem, o que sentem. Libertam-se em cada passo, senhoras do seu tempo.

Vivem na Barrada no Outeiro e nos Motrinos, três aldeias da Freguesia de Monsaraz.



A Avós de Motrinos - A Boda na Aldeia Escola Primária de Motrinos

As Avós de Motrinos, para além de dançarem, criam bonecas e histórias visuais como a Boda na Aldeia. Uma inspiração para todas nós.



Adap-Sar- Danças Urbanas de Reguengos de Monsaraz

O grupo de Dança da Adap surge no ano 2020, a cargo da professora Cátia Rojão, com o objetivo de formar crianças a partir dos 6 anos em várias vertentes das danças urbanas. Todos os anos lectivos é desenvolvido um tema para os seus espetáculos, com uma mensagem muito específica e pertinente na actualidade. "A força da Natureza" é a fonte de inspiração da montagem coreográfica deste ano, que pretende sensibilizar o público sobre as alterações climáticas e o seu impacto a nível global.

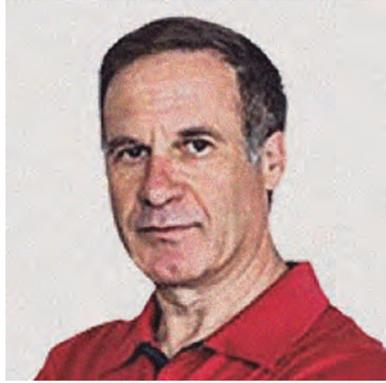


Alentejo - Agricultura, paisagem e despovoamento

Alfredo Cunhal Sendim
Herdade Freixo do Meio, Montemor-o-Novo
António Guerreiro
Ensaísta

Alfredo Cunhal Sendim

Engenheiro zootécnico, proprietário e gestor da Cooperativa de Usuários do Freixo do Meio, considerado um pioneiro e uma referência na agroecologia em Portugal, é essencialmente um agricultor.
Vive no Alentejo.



António Guerreiro

Licenciado em Línguas e Literatura Moderna – Português/Francês – pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Em 1986, ingressou como assistente da cadeira de Introdução aos Estudos Literários na Escola Superior de Educação do Porto. Entre 1989 e 2013, foi crítico literário e jornalista cultural do semanário Expresso. Colunista do jornal Público, no suplemento cultural Ipsilon.
Vive no Alentejo.



Abraham Cupeiro / Eborae Música Companhia de Dança Contemporânea de Évora

Abraham Cupeiro

Um dos destaques do festival será o espetáculo performance/música/dança no percurso do Cromeleque do Xarez. Este evento começará em Monsaraz, onde a Companhia de Dança Contemporânea de Évora realizará uma apresentação especial, guiando o público numa caminhada que culmina no Convento da Orada.
No Cromeleque do Xarez, o renomado músico Abraham Cupeiro, conhecido por sua habilidade de mesclar instrumentos ancestrais que ele mesmo constrói com música contemporânea, fará uma performance com diferentes instrumentos e de seguida se unirá à orquestra Eborae Música no Convento da Orada para um diálogo inesquecível. O mais antigo registo de uma corna, ancestral instrumento galego, encontra-se nas ilustrações de Afonso X de Castela. A sua história remota tem sido desde então, passada de pai para filho, até chegar por essa mesma via familiar a Abraham Cupeiro. Graças a uma viagem no tempo personalizada, Cupeiro explora a sua paixão profunda pelos sons que desperta de um sono prolongado e transporta-nos no tempo a um tempo que não sabemos.

Eborae Música

A “Eborae Música – Associação Musical de Évora” apresentou-se ao público com o Coro Polifónico, Coro Infantil e Cantores Solistas, em Setembro de 1987, num Concerto integrado no certame “Os Povos e as Artes”.

Tendo como objetivo primordial a divulgação dos grandes Mestres Polifonistas da Escola de Música da Sé de Évora, vem desenvolvendo desde essa data intensa atividade e têm sido desenvolvidas várias iniciativas no âmbito da Formação, como Grupos de Iniciação Musical (a partir dos 3 anos), Coro Infantil, Coro Juvenil, aprendizagem de Formação Musical e de vários instrumentos. Na sequência deste trabalho e como reconhecimento do mesmo, iniciou-se em 2003/2004 uma nova etapa da articulação com o Ministério da Educação através da criação do Conservatório Regional de Évora-Eborae Musica, hoje, com autonomia pedagógica.

A Associação organiza anualmente, entre outras atividades: as Jornadas Internacionais “Escola de Música da Sé de Évora” com a orientação de vários mestros de elevado prestígio internacional, entre os quais Peter Phillips e Owen Rees (outubro); Oficinas de Canto Gregoriano (maio/junho); Ciclos de Concertos : “A Quaresma na Escola de Música da Sé de Évora”; “Música nos Claustros” (Julho), “Musicando” (julho), “Música no Inverno” (novembro e dezembro), Concursos: Prémio José Augusto Alegria – Concurso para Jovens Intérpretes, Prémio de Composição II Escola de Évora | Eborae Música; Conferências e Master Classes / Workshops vários.



João Hasselberg
Minimal electronic

Cresce em S. Pedro do Corval e estuda guitarra e piano na Academia de Amadores de Musica em Évora até 1999.

Muda-se para Amsterdão em 2006 para estudar no Conservatorium van Amsterdam e no Rytmisk Musikonservatorium em Copenhaga onde começa a investigação de técnicas de exploração sonora electrónica e electro-acústica.

Lecionou no hot Clube de Portugal e trabalha regularmente com artistas como Benjamin Clementine, Mario Laginha, Ricardo Toscano, Afonso Pais, Sete Lagrimas, Luisa Sobral, João Paulo Esteves da Silva, Tiago Bettencourt, Julio Resende, Surma. Actualmente trabalha no sentido de desenvolver uma forma pessoal de criar a partir de um ponto de vista multidisciplinar, combinando som com espaço, movimento, imagem e objecto.”



Da Terra Chão à Terra Pão
Galopim de Carvalho
Geólogo

Galopim de Carvalho é um renomado geólogo português, formado pela Universidade de Lisboa em 1959, com doutorados em Sedimentologia pela Universidade de Paris (1964) e em Geologia pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (1969). Durante grande parte da sua carreira, lecionou no Departamento de Geologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, até 2001.

Dirigiu o Museu Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências de Lisboa, de 1983 a 1992, e o Museu Nacional de História Natural (MNHN), de 1992 a 2003.

Recebeu um doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Évora e foi agraciado pelo Estado Português com a Ordem de Santiago de Espada.



Percurso de Monsaraz a Santa Catarina
Grupo Maurioneta,
Sara Sotiry - didgeridoo,
Côro Polifónico da Sociedade Filarmónica Harmonia Reguenguense
Meditação Guitta, Joaquim Caeiro.



Angélica Salvi
Recital de Harpa

A harpista espanhola Angélica Salvi, radicada no Porto desde 2011, dedica-se à improvisação e à música contemporânea e electroacústica, explorando várias técnicas de preparação e amplificação do instrumento na busca de novos timbres e sonoridades.

A harpista convida o público a mergulhar nos seus referenciais emocionais e espirituais, servindo-se deles como guião de um sonho. Partindo da acrobacia do respirar (inalar, exalar) e da dinâmica das marés, Salvi explora o universo da repetição numa invocação cósmica e estruturada do transe num movimento magnético e sincopado. Nesta viagem interior, onírica e intimista, o público é guiado por caminhos sinuosos e tropicais, numa experiência potencialmente xamânica, por sonoridades ambíguas e multifacetadas, desde Papé Nziengui a Alice Coltrane.



seu repertório abarca vários períodos da história da música desde o Barroco até à atualidade. A qualidade musical e a versatilidade do grupo permite também abordar outros géneros como o Blues, Rock e Pop em versões transcritas para quinteto de cordas.

Músicos:

Violino I - João Castro
Violino II - José Gomes
Viola d'Arco - Elisabete Martins
Violoncelo – Bárbara Santos
Contrabaixo - Bruno Vítor Martins

Gonçalo Pescada - Acordeão & Quinteto Sull'a Corda

Foi há 2700 anos antes de Cristo, que foi inventado na China um instrumento denominado CHENG. A evolução deste instrumento deu origem ao Acordeão.

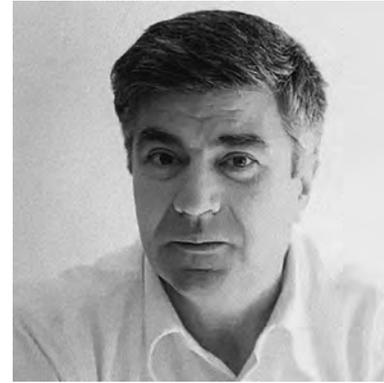
Gonçalo Pescada (Faro 1979)

Doutorado com distinção e louvor em Música e Musicologia – vertente de Interpretação pela Universidade de Évora, em 2014, licenciatura bi-etápica em Música – vertente Interpretação pela Escola Superior de Artes Aplicadas (Castelo Branco), o Curso Complementar de Acordeão pelo Instituto Musical Vitorino Matoso (Lisboa) e a Profissionalização em Serviço (M01 e M32) pela Universidade Aberta.

Atualmente Director do Departamento de Música da Universidade de Évora e Investigador (membro integrado) no CESEM – Centro de Estudos de Sociologia e Estética.

Quinteto Sull'a Corda

O Quinteto Sull'a Corda é constituído por músicos de residentes no Algarve que partilham o entusiasmo pela música clássica e erudita através de uma sonoridade peculiar que envolve o quinteto de cordas (2 violinos, viola d'arco, violoncelo e contrabaixo). O



Terra chã para a agricultura, terra chã para a arquitectura integrada

Victor Mestre
Maria Fernandes
Arquitectos

Victor Mestre (1957)

Arquiteto pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (1981). Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico pela Universidade de Évora (1998). DEA em Teoria y Prática de la Rehabilitación Arquitectónica y Urbana pela Universidade de Sevilha (2005).

Maria Fernandes

Arquiteta pela FA/UTL (1986), Mestre em Recuperação Património Arquitectónico e Paisagístico pela Universidade de Évora (1999), Doutora em Arquitectura pela Universidade Coimbra (2013). Técnica especialista Conselheiro Secretaria de Estado da Cultura.



A Tempestade (Monsaraz 2012)

Teresa Garcia
Cinema

Sinopse:

Ana vive com um filho de três anos que teve demasiado cedo, e um marido que não parece ter muito a ver com ela, numa vila isolada e rodeada de um imenso lago.

O regresso passageiro de Daniel, um rapaz mais velho de quem ela mal se lembrava, vai desinquietar o seu espírito e ameaçar secretamente a ordem da sua vida.

Se inicialmente o grande lago parece isolar as personagens num mundo fechado, à medida que elas se aproximam dele e o habitam, vamos-nos dando conta de como ele faz parte de um forte imaginário onde o real encontra o mundo da infância, o vasto mundo dos sonhos.

Os encontros (e desencontros) que marcam esta história é aí que acontecem, quer de manhã quando a luz ainda lhe dá um tom enigmático, quer ao fim do dia, com a luz quente e doce do sol poente imediatamente antes das sombras caírem e envolverem tudo na sua escuridão.



Cristiano Holtz

Recital de cravo

Influenciado pela música de Johann Sebastian Bach, Cristiano Holtz iniciou os seus estudos de cravo aos doze anos com Pedro Persone. Aos quinze, a convite de Jacques Ogg, foi viver para os Países Baixos, com quem prosseguiu os seus estudos musicais. Permaneceu nesse país durante dez anos estudando com vários outros professores, entre os quais Anneke Uittenbosch e Meno van Delft.

Desde muito novo, a sua maior influência foi Gustav Leonhardt, que o aceitou excecionalmente como seu último estudante oficial. Igualmente marcante na sua formação foram os estudos privados com Pierre Hantaï, Marco Mencoboni e Miklós Spányi. Este último viria a convidá-lo mais tarde para gravarem em conjunto repertório para dois cravos.

Em 1998 veio para Portugal a convite de várias escolas de música, em particular o Instituto Gregoriano de Lisboa, onde se mantém como professor das disciplinas de Cravo, Clavicórdio e Música de Câmara. Cristiano Holtz atua sobretudo como solista, não somente em cravo mas também em clavicórdio, e ocasionalmente em órgãos históricos de numerosos países na Europa, Ásia, América do Sul e nos Estados Unidos da América.



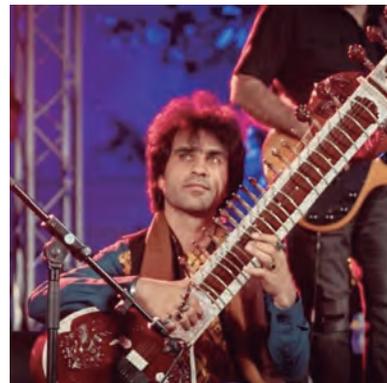
Terra e Território com Monsaraz ao Fundo

Jorge Gaspar (Lisboa, 1942)

Geógrafo

Professor Catedrático Emérito da Universidade de Lisboa, Investigador do Centro de Estudos Geográficos. Segundo e Primeiro Assistente da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, Professor Convidado do Instituto Superior Técnico (Catedrático) e das Universidades de Umeå e de Paris X. Doutorada pela Universidade de Lisboa (1972), pós-graduado (Fil.Lic. 1967) pela Universidade de Lund, licenciado pela Universidade de Lisboa (1965). Coordenou investigações e projetos, nacionais e internacionais, aplicados em Geografia, Planeamento e Urbanismo

Sócio efetivo, Vice-Presidente e Presidente da classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa, membro da Academia Europaea e Doutor HC pelas Universidades de León, Genève e Évora. Prémio Universidade de Lisboa, Prémio Internacional Geocrítica.



Ustad Fazel Sapand - Afeganistão

Nasceu em Herat no Afeganistão em 1990. Estudou música nas Herat, Masjed Jameh e graduou-se em língua literatura Persa na Universidade de Herat. Refugiou-se em Lisboa onde tocou e gravou com Rodrigo Leão, Maria João e Salvador Sobral. Vive e trabalha em Portugal.



Dança vertical: Del Revés

Del Revés, companhia de dança vertical, fundada em Barcelona por Saïoa Fernández e Eduardo Torres, iniciou o seu percurso artístico em meados de 2007. Durante este período, a companhia construiu uma sólida carreira internacional, ao apresentar os seus trabalhos em quatro de os cinco continentes. Del Revés dá uma nova visão da dança vertical, criando uma linguagem única e inovadora que a torna conhecida e valorizada.



Melingo (Argentina 1957)

O músico argentino apresenta-se de novo em Portugal, em quinteto, com novo repertório e, claro, as suas músicas mais conhecidas.

Ao vivo, Melingo, voz marcada pela vida, é um portento de alma e emoção, que consegue incorporar o lado maldito do rock de Nick Cave e da chanson de Serge Gainsbourg na criação elevada por Gardel até à condição de banda sonora por excelência das vielas de Buenos Aires. Em Paris, Melingo ainda aprendeu algo do cabaret que faz com que a sua música soe melhor com luzes baixas e um copo na mesa em frente a nós. As suas canções pegam no tango e retomem-no, sem nunca o descaracterizar. Melingo soa perfeito por cima de bandoneon e baixo, por cima de trombone ou guitarra. Ao vivo, é um actor possuído que vive as histórias negras de que falam as canções. No britânico Guardian afirmou-se que «a extravagante teatralidade dos seus concertos irá conduzir Melingo ao sucesso internacional.» Sem dúvida.

A editora Mañana foi criada por Eduardo Makaroff dos Gotan Project para explorar a nova vitalidade do tango e a sua primeira aposta recaiu, precisamente, sobre Daniel Melingo. Melingo, como já se escreveu, é o seu próprio mito: foi estrela dos palcos rock alternativos da Argentina na década de 80, ajudou a inventar a movida de Madrid, e estudou todos os mestres, de

Gainsbourg a Nick Cave, de Tom Waits à lenda do tango El Polaco. Em 2005 Melingo editou o aplaudido «Santa Milonga» e imediatamente estabeleceu uma imagem reinventada, já longe do rock, embora ainda perfeitamente rebelde. Com o segundo álbum, «Maldito Tango», a transformação completou-se e Melingo surgiu como uma alma danada, fugida das imagens clássicas do tango para pegar no legado de Gardel e reinventá-lo, com teatro, com alma, com estilo. A propósito de uma passagem sua pelo Royal Festival Hall, em Londres, escreveu-se no Guardian que Melingo tem em «Maldito Tango» um excelente álbum, mas que ainda assim não nos prepara para a pura electricidade da sua performance.

Melingo já passou por Portugal várias vezes, quer para concertos em nome próprio, quer para colaborar em concertos de Rodrigo Leão com quem colabora no álbum “A Mãe” com o tema “No Sê Nada”. O espetáculo é, por tudo isso mesmo, imperdível.

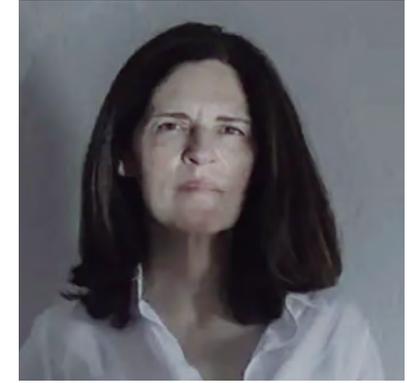


Eu Sou Devedor à Terra

José Pacheco Pereira
Ana Paula Amendoeira
Historiadores

José Pacheco Pereira (Porto 1949)

Participou na luta contra a ditadura antes do 25 de Abril. Foi professor de vários graus de ensino. Foi deputado na Assembleia da República e no Parlamento Europeu, e dirigente do PSD. Publicou mais de uma dezena de livros sobre História e Política. Colabora regularmente na imprensa escrita, na rádio e na televisão. É autor do programa da SIC Notícias Ponto Contraponto e faz parte do painel do mais antigo debate político português: a Quadratura do Círculo. É autor dos blogues Abrupto, Estudos sobre o Comunismo e Ephemera. Dedicou-se desde há muito à preservação de livros, periódicos, documentos e objetos ligados à memória da história contemporânea portuguesa. Criou e mantém o Arquivo / Biblioteca Ephemera, o maior arquivo privado português.



Ana Paula Amendoeira

(Reguengos de Monsaraz 1963)
Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Mestre em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, pela Universidade de Évora Diplomada em Administração de Projectos Culturais pela Fundação Marcel Hicter, Conselho da Europa, em 2001. Fez o curso curricular de doutoramento em Geografia na Universidade de Paris IV Sorbonne entre 2008 e 2010 com investigação sobre Património Mundial e a aplicação da Convenção de 1972. É vice presidente da CCDD Alentejo.



Apresentação do Arquivo digital do Cante

Florencio Cacete
Mariana Cristina

No ano em que se comemoram os 10 anos do reconhecimento do Cante Alentejano como Património Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO, a Associação Alentejo, Terras e Gentes, a CIMBAL e a Universidade de Évora, através do CIDEHUS (Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades), Unidade De I&D que integra a Cátedra Unesco em Património Imaterial e Saber Fazer Tradicional unem esforços e lançam a criação do Arquivo Digital do Cante Alentejano.

O projeto de criação da plataforma digital do cante alentejano, pretende através da digitalização dos acervos existentes, construir um Arquivo digital acessível a todos desta expressão patrimonial ao longo do tempo, baseando-se na recolha de dados junto dos seus principais atores, os grupos de cante alentejano.

Tiago Mileu

Recital Piano no Olival da Pega

Nasceu em Portalegre, onde iniciou os estudos de piano aos oito anos. Apresentou-se a solo em lugares como o Centro Cultural de Belém, Casa da Música (Porto), Teatro Nacional de S. Carlos, Teatro Nacional D. Maria II, Palácio Nacional da Ajuda, Palácio Galveias, Museu Nacional da Música – com diversas transmissões de recitais, em directo e diferido, pela RTP Antena 2. Venceu diversos prémios em concursos internacionais em Portugal, Espanha, França e Polónia. Aperfeiçoou-se com mestres como Sequeira Costa, Dina Chevtchuk, Galina Eguizarova, Alicia Dubrowski. Figurou em reportagens, entrevistas e notícias dadas pelos principais canais de televisão, rádio e imprensa. Colabora regularmente com diversos cantores e instrumentistas de renome. Leciona na Academia de Música de Telheiras.

Gala do Cante

Teresinha Landeiro,
Grupo Coral da Freguesia de Monsaraz,
Grupo Coral da Casa do Povo de Reguengos de Monsaraz,
En'Canta Modas,
Manuel Sérgio,
José Farinha

Grupo Coral da freguesia de Monsaraz

Monsaraz, terra de excelentes vozes, teve o seu primeiro grupo coral em princípios de 1975. A Casa do Povo, proporcionou-lhes então todo o apoio logístico possível na altura, tendo suportado as despesas de aquisição do traje e facultado instalações para os ensaios. Este grupo veio a extinguir-se em 1980. Em 1985, sob a égide da Assembleia de Freguesia de Monsaraz, o Grupo voltou a reconstituir-se, tendo como membros participantes a maioria dos elementos do anterior. Ensaivava nas instalações da Junta de Freguesia e da Misericórdia. Também devido a circunstâncias diversas, veio a desaparecer no início de 1990. Este Grupo já se denominava “Grupo Coral da Freguesia de Monsaraz”. Em 2003, renasce novamente o “Grupo Coral da Freguesia de Monsaraz”. Composto maioritariamente por pessoal nascido e residente na nossa freguesia, e com profissões nas mais variadas áreas, desde a pastorícia à indústria da restauração e hotelaria. O Grupo Coral da Freguesia de Monsaraz, escolheu para seu traje um fato domingueiro em uso nesta região nos fins do século XIX princípio do século XX. Desde o chapéu às botas, passando pelas camisas e jaquetas, pretendeu-se dar a conhecer e manter um traje muito habitual no ambiente em que muitas vezes o cante alentejano se praticava – aos domingos

e dias de festa ou em ambientes de relação social – quando se tomava um copo nas tabernas, adegas ou em festas de família.

O Grupo Coral da Freguesia de Monsaraz, fez a sua primeira apresentação pública em 24 de Agosto de 2003, em Monsaraz, após uma cerimónia religiosa de consagração a Santa Maria da Lagoa, orago da Freguesia de Monsaraz.

Estiveram presentes a esta cerimónia na qualidade de Padrinhos o Grupo Coral “Os Ceifeiros de Cuba” e o Grupo de Cante Tradicional Alentejano “Os Almocreves”.

Em 17 de Julho de 2005, o “Grupo Coral da Freguesia de Monsaraz” edita o seu primeiro trabalho discográfico com o lançamento de um CD com o título “Monsaraz, Varanda do Alqueva”.

Realizam anualmente um Encontro de Grupos Corais – “A Festa do Cante nas Terras do Grande Lago” - (último fim de semana de Julho) e fazem um “Concerto de Natal c/ Cantes ao Menino”, em Monsaraz

Tem uma média de trinta actuações por ano, de Norte a Sul do País, em eventos de autarquias locais, colóquios, feiras temáticas, festas populares, programas de Televisão e de rádios locais e regionais, encontros de grupos corais, etc.

Mestres do Grupo
Até Junho de 2004
António Joaquim Morais

Desde Junho 2004
Serafim Berjano da Silva

Reune-se na presente Bienal, dedicada ao tema Sou Devedor à Terra, um conjunto de 22 artistas contemporâneos, geracionalmente diversificados, que exploram linguagens visuais distintas.

O tema da Paisagem é imediatamente convocado por João Belga que, na sua instalação, apresenta um paciente trabalho de pintura de 136 camadas visuais sobrepostas, executado durante a pandemia, no qual a memória da paisagem na cultura ocidental é informada pelo cinema, música e literatura, podendo o seu registo da sua progressão ser directamente observado em vídeo, em ambiente sonoro expressamente concebido. Uma figuração por vezes macro ampliada e totalmente diluída alterna com lettering que expõe questões e dúvidas existenciais, retomando a prática do colectivo, numa dimensão temporal que conjuga memórias com sentido crítico mas afectivo, numa pintura que expande os seus limites físicos e conceptuais.

Igualmente na pintura de João Fonte Santa um sentido de crítica social interventiva se oculta sob as suas sedutoras pinturas, servidas por um desenho virtuoso, onde explora a multiplicação de instâncias produtoras de imagens, as modalidades da sua circulação na cultura de massas e a legibilidade ideológica desses processos de criação e difusão. Nos poderosos desenhos de Miguel Palma a paisagem surge fragmentada, em tensão de

imagens denunciadoras de desequilíbrios ecológicos desenfundados à qual subjaz profunda e interventiva carga operativa, solucionadora de conflitos à larga escala e visualmente atractiva, bem como a dualidade entre o natural e o artificial, num discurso de pesquisa sociológica de profundas indagações humanistas que busca o equilíbrio essencial à sobrevivência do Planeta.

No desenho igualmente virtuoso de António Faria, a paisagem e sua fragilidade surge fragmentada, em enquadramentos fotográficos, nas suas múltiplas variantes, vegetal e animal, sobre um Pantone, registo do artista, que é também gráfico de referência, na necessidade absoluta da sua preservação. Mariana Herédia regista na sua pintura a imagem diluída de um recanto natural e no desenho ténues vistas fotograficamente enquadradas nos quais dualidade entre a natureza e a intervenção humana é imagem e lugar de refúgio ou desejo. Ivo Andrade regista subtilmente a paisagem com recurso a carvão proveniente de incêndios florestais e recuperado como material, preservando a memória de uma frágil natureza ameaçada.

Pedro Zamith recorre a um desenho expressivo como base de uma pintura que funde os detritos pintados recuperados do quotidiano, imagem do humano anti-heroico, eventualmente mutante, universo de personagens expressivamente alterados que aludem à

contaminação do meio ambiente e a realidade da sua exploração, atingidos os seus limites, ou à memória ilusória do natural no cinema.

Mariana Duarte Santos evidencia nas suas impressionantes imagens pictóricas, bebidas frequentemente em séries televisivas e registos fotográficos documentais, imagens reivindicativas passadas e presentes, como o testemunha a pintura apresentada, que convoca a memória das lutas campesinas nos horizontes alentejanos.

No bestiário múltiplo e fragmentado de Bárbara Assis Pacheco a Natureza animal assume-se como metáfora transmutada e afectiva do humano, o que também se detecta na pintura de Gil Kalisvaart, que a evidencia porém no seu lado mais intimidatório. Distinta a abordagem natural e discreta de Alice Geirinhas, que no desenho evoca a sucessão animal do tempo e a condição, à qual subjazem temáticas feministas de cariz de pesquisa sociológica.

A fragilidade da paisagem e do natural detecta-se também na pintura de José Miguel Gervásio, onde a iconografia transmutada dos media, como a banda desenhada, preside à composição de paisagens apocalípticas que se transmutam tridimensionalmente em imaginativas esculturas cerâmicas, elas próprias artes da Terra.

A exploração das possibilidades da cerâmica é também prática de Tiago Mestre, que convoca

as origens da ocupação humana do território, convocando memórias de sentido totémico ou arqueológico que apelam ao equilíbrio ente o natural e o humano. Em Antónia Labaredas, por seu turno, a cerâmica evoca a pintura mural, sugerindo o solo primacial.

No desenho de Nick te Wierik, os planos de dólmenes transmutam-se em rigorosos planos orgânicos de cor festiva, e a memória destes antiquíssimos testemunhos da civilização, surge no pendente em prata de José Aurélio, topografia de dolmen local ritualisticamente transposto em prata e evocativo das explorações espaciais de Lucio Fontana.

A instalação de Margarida Dias Coelho constitui delicada intervenção que conjuga tempo e memória, tributo à natureza, à reivindicação e necessidade da sua preservação como condição essencial, onde a memória e o sentido humanista do discurso são novamente evidenciados. Alice Vinhas recupera os resquícios e fragmentos de todos os dias e transforma-os em assemblages de sentido narrativo, paisagens íntimas do quotidiano que flui no tempo.

Rui Afonso Santos



Earth Rise
Augmented Reality
2024

by muPoint.

muPoint

Uma colaboração entre Ana Catarina Pereira e ChatGPT, que trabalha a luz e o movimento através de código de programação, usando o telemóvel como espaço.

Projectos em destaque:

- Participação no workshop "Art in a Climate of Political Unrest" @Tate Exchange - Recomendações Honrosas do committee @Broomhill Sculpture Park
- Bolsa da Royal Society of Sculptors
- Clifford Chance Sculpture Award

Formação:

- MAFA @Chelsea College of Arts and Design
- BAFA @University of Westminster
- Gestão Financeira @Universidade Católica de Lisboa



Antónia Labaredas (Évora 1979)
Posto de turismo de Monsaraz

Licenciada em Design Industrial pela Escola Superior de Arte e Design das Caldas da Rainha (ESAD)
A partir de 2010 encontra na Cerâmica o meio de eleição no seu trabalho, explora várias dimensões na cerâmica, onde usa a observação para traduzir reverberações do real ora mais próximas ou afastadas, em que a busca do saber fazer está sempre aliada ao perigo /experiência, erro. Neste caminho de experimentação inclui a ancestralidade da olaria no seu trabalho, assim como as cozeduras experimentais em que o fogo é o protagonista.
Vive e trabalha nas Caldas da Rainha



PANTONE®
5405



António
Muse

Desenvolve uma atividade sistemática no domínio do desenho sobre papel, preferencialmente em grandes formatos monocromáticos. A sua predileção vai para as representações figurativas e realistas de uma natureza luxuriante, plantas, florestas, ramos, flores, folhas e aves, privilegiando os gêneros tradicionais da paisagem e da natureza- morta. Mais recentemente, a sua prática evoluiu para projectos multimédia, misturando o desenho a carvão com instalações de vídeo, luz e som.
Licenciou-se no IADE, em Design de Comunicação e completou o Curso Avançado de Artes Visuais no Ar.Co. O seu trabalho foi apresentado em várias exposições colectivas e individuais em Portugal.
Trabalha e vive em Lisboa



Alice Geirinhas (Évora, 1964)
Casa da Praça

No campo da criação e investigação artística tem desenvolvido um corpo de trabalho a partir da teoria feminista interseccional sobre identidade, sexualidade, igualdade de género, resistência ao histórico, da ideia do pessoal é político e da poética do político, traduzido em vários media: desenho, livro de artista, fanzines, vídeo, pintura e instalação.



Alice Vinhas (Lisboa 1954)
Sala da Junta de Freguesia de Monsaraz

Estudou na Escola Antonio Arroio em 1970 e no ARCO em 1973/75
Vive e trabalha em Monsaraz.



Bárbara Assis Pacheco (Lisboa 1973)
Restaurantes em Monsaraz e Telheiro

À Solta - Pintura

Licenciou-se em Arquitectura (FAUTL, Lisboa) e em Filosofia (FCSHUNL, Lisboa), entre as duas fez Desenho e o Curso Avançado de Artes Plásticas no Ar.Co (Lisboa). Participou na primeira edição do curso de Fotografia do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística. Faz desenhos e coisas.

Vive e trabalha em Lisboa.



Gil Kalisvaart (Roterdão 1949)
Galeria de Artes Sem-Fim

Licenciou-se Design e Escultura na Academie Beeldende Kunsten de Roterdão Faculdade de Arquitectura e Escultura de Roterdão entre 1969 e 1976.

Concebeu e é proprietário do Restaurante Sem-Fim em Monsaraz onde expõe na Galeria de Artes.

Vive e trabalha em Monsaraz desde 1980.



Glória Pérez Cruz (Girona 1978)

Site specific

Fez o curso de Grau Superior de pintura na escola d'Arts I ofici de Olot.
Completou os estudos com Fotografia, Escultura e Pintura na ALARTIS- Palafrugell e gravura na Fundação Rodríguez Amat em Garrioles na Catalunya.
Vive e trabalha em Monsaraz.



Ivo Andrade (Portugal, 1984)

Sem-Fim

Licenciado em Artes Plásticas na ESAD das Caldas da Rainha e em Arquitetura Paisagista na Universidade de Évora. Foi bolseiro ERASMUS na ESAD.SE em Saint Étienne – França.
Realiza exposições desde 2006, tendo realizado diversas residências e projetos de criação artística e estando representado em coleções públicas e privadas em Portugal e no estrangeiro.
Incorpora no seu trabalho o uso de diferentes disciplinas e materiais desde fotografia, desenho, pintura, vídeo, instalação e projetos site-specific, trabalhando questões ligadas aos ecossistemas e modos de vida sincronizados com a natureza e os seus ciclos, assim como conceitos de infinito, vacuidade e condição humana.
Vive e trabalha nas Caldas da Rainha.
Paisagens devindo
Nesta série de trabalhos o artista usa cinzas de incêndios florestais e estrume de raças autóctones de ovelhas como matéria e símbolo para apresentar paisagens, que ainda que despidas e áridas (onde o próprio material demarca o fim de um ciclo) contenham em si a promessa de fertilizar e ajudar na fecundação de um futuro por vir.



João Belga (Luanda-Angola 1968)
Igreja de Santiago

Artista visual, com formação académica em pintura e desenho, expõe com regularidade desde 1997. Vive e trabalha nas Caldas da Rainha. Ao longo deste percurso apresentou o seu trabalho, individual e colectivamente, nos projectos ART ATTACK, GL Box, Galeria Quadrum, Galeria Palmira Suso, Galeria ZDB, Galeria Graça Brandão, Hangar K7, Museu e Casa Bernardo, Centro de Artes das Caldas da Rainha e Centro de Artes de Sines, Plataforma Revolver, entre outros, colecções MG e PLMJ.

Este percurso tem sido acompanhado, paralelamente, pela criação de outros projectos que visam a valorização das periferias artísticas e culturais. Nesse sentido, cria em 2003 conjuntamente com Joana Montez o colectivo de intervenção artística e curadoria, Ozzy Project.

Desde 2013 é membro fundador e de direcção da associação cultural NAU.

Vive e trabalha nas Caldas da Rainha.



João Fonte Santa
Igreja de Santiago

Um dos artistas mais representativos da sua geração. O seu trabalho aborda a incessante multiplicação de instâncias produtoras de imagens, as modalidades da sua circulação na cultura de massas e a legibilidade ideológica desses processos de criação e difusão. No seu trabalho, Fonte Santa apropria-se habitualmente de imagens - da banda desenhada aos jornais, da pintura à fotografia, da iconografia popular ao cinema - a partir das quais interroga sentidos, filiações, sensibilidades e identidades.

Expõe regularmente desde meados dos anos 90.



José Aurélio (Alcobaça, 1938)
Museu do Fresco

Frequentou o curso de escultura na Escola de Belas Artes de Lisboa. Em 1970 criou a Galeria Ogiva, em Óbidos, que dirigiu até 1974, e em 1980 mudou-se para Alcobaça, onde atualmente vive e trabalha, e onde desde 2007 dirige o Armazém das Artes – Fundação Cultural.

Foi agraciado pelo Presidente da República Portuguesa com o grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique.



José M. Rodrigues (Lisboa em 1951)
Convento de Orada

Viveu em Paris, (1968/1969) e nos Países Baixos entre 1969 e 1993. Aí estudou fotografia nas Escolas de Fotografia em Haia e vídeo no Instituto Santbergen em Hilversum (1990).

Foi co-fundador da “Perspektief”. Membro da Associação de Fotógrafos de Arte (G.K.F.) e do Raad voor de Kunst (Conselho para as Artes da Câmara Municipal de Amsterdão) entre 1987 e 1992. Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian (1986-1988).

Recebeu, em 1992, uma bolsa de trabalho do Fonds voor de Beeldende Holanda). E uma bolsa de trabalho pelo Centro Nacional de Cultura de Portugal, em 1997.

Em 1982 recebeu o prémio Vrije Creatieve Opdracht (Prémio de Fotografia Criativa) pelo Raad voor de Kunst (Conselho para as Artes, Amsterdão), e em 1999 o Prémio Pessoa.

Expôs regularmente e ensinou fotografia em várias instituições e tem obras em várias coleções no país e no estrangeiro. Sempre trabalhei muito. Quando não tenho nada para fazer, olho (do verbo olhar).



José Miguel Gervásio (Montijo 1968)
Junta de Freguesia de Monsaraz

Licenciado em Artes-Plásticas Pintura pela Escola Superior de Belas Artes do Porto em 1994. Em 2019 frequentou e concluiu o mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais, Escola das Artes, Universidade de Évora, curso que concluiu em 2021 com a Tese “Jociana: Mollies, Pollies & Dollies”, obtendo a classificação máxima. Actualmente é bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia enquanto doutorando da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, na área científica de Belas-Artes.



Lourenço Providência (Porto, 2003)
Moagem, Sem-Fim

Artista português que vive e trabalha em Nova Iorque. Com formação em design, ilustração, pintura e trabalho mural, a abordagem multifacetada de Lourenço à criação de imagens influenciou largamente a sua refinada estética minimalista. Inspirado pela simplicidade, eficiência e maravilhas encontradas no quotidiano, o trabalho de Lourenço valoriza uma economia de cor e linha e reflecte as qualidades essenciais dos objectos e pessoas que habitam as suas pinturas.



Lua Kalisvaart (Girona 2008)
Moagem, Sem-Fim

Aluna da Escola André Gouveia, Évora
10º ano Artes Visuais



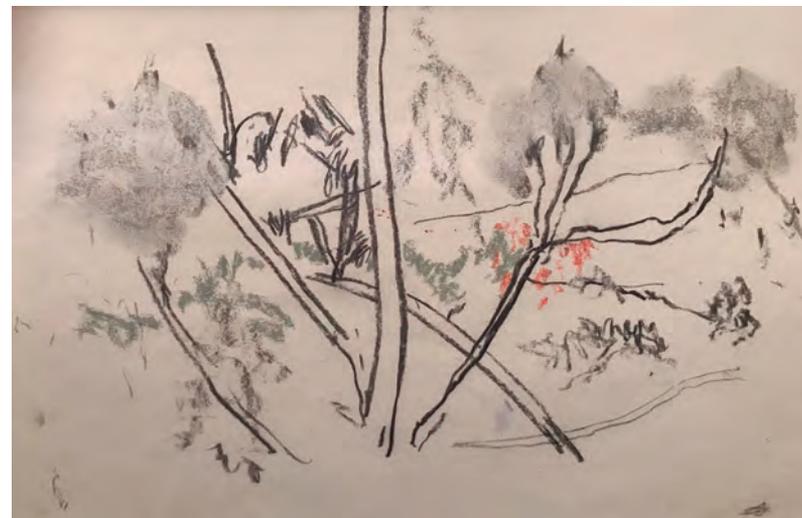
Margarida Dias Coelho (Lisboa 1959)
Ermida de Santa Catarina

Frequentou a Faculdade de Belas Artes de Lisboa
Expõe desde 1988
Vive e trabalha nas Caldas da Rainha.



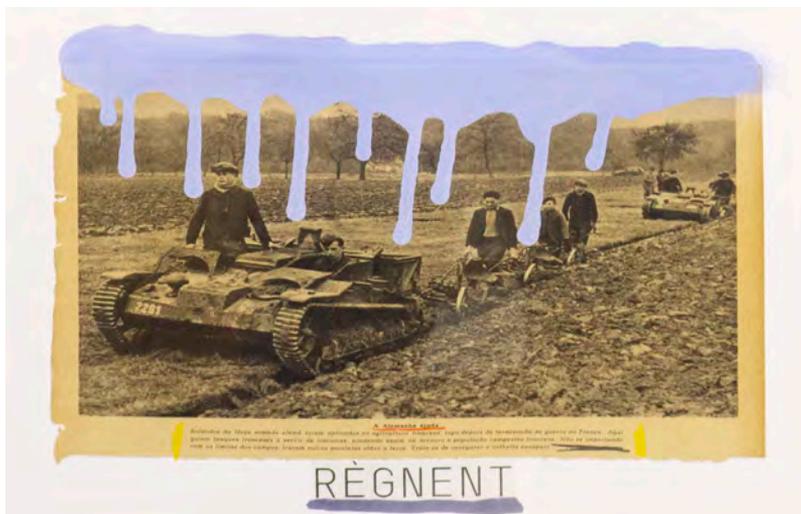
Mariana Duarte Santos (Lisboa 1995)
Casa da Praça

Artista plástica portuguesa especializada nas técnicas de gravura, desenho e pintura. Mais recentemente começou a trabalhar arte pública através da pintura de murais de grande escala. Trabalha conceitos de memória, identidade colectiva e histórias locais.
marianaduartesantos.com



Mariana Heredia (Lisboa 1968)
Posto de Turismo de Monsaraz

Estudou Artes visuais e frequentou vários curso e ateliers na área de Belas Artes e Escultura. Começa a pintar e faz a primeira exposição no regresso de uma viagem a Macau. Trabalha e vive nas Caldas da Rainha onde em permanência expõe na Galeria Bom Gosto



Miguel Palma (Santarém 1964)
Igreja de Santiago

“Se o mundo fosse confortável eu não fazia Arte”

Miguel Palma é um artista que se apropria das narrativas de uma modernidade em permanente questionamento para melhor reflectir sobre o presente.

A curiosidade e o modo como articula diferentes horizontes do saber sublinham a capacidade de nos reinventarmos, dissimulando a inexorável lei maior, que é a da vitória do tempo sobre a finitude humana.

Com uma actividade contínua de mais de três décadas, as obras deste artista transitam por diversos meios, como a escultura, o vídeo, a instalação, o desenho e a performance.

Está representado em inúmeras coleções públicas e privadas, nacionais e internacionais tais como: Centre Pompidou (Paris, França); Coleção Berardo (Lisboa, Portugal); Culturgest (Lisboa, Portugal); MAAT (Lisboa, Portugal); FRAC Orléans (Orléans, França); FRAC-Artothèque Nouvelle Aquitaine (Limoges, França); Fundação de Serralves (Porto, Portugal); Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa, Portugal); MNAC (Lisboa, Portugal); Fundação ARCO (Madrid, Espanha); e ASU Art Museum - (Tempe, E.U.A.).

Participou em diversas bienais, incluindo: Prospect 1. (Nova Orleães, E.U.A.) e 7th Liverpool Biennial (Liverpool, Reino Unido).



Niek Te Wierik (Holanda 1951)
Sem-Fim

Estudou Belas Artes na Gerrit Rietveld Academia, em Amsterdão.

For professor de História da Arte e Desenho no Cals College, em Utrecht.

Vive e trabalha em Marvão, Alentejo.



Paula Estorninho (Moçambique 1965)
Moagem Sem-Fim

Licenciada em Arquitetura, FAUTL, 1989.

Vive e trabalha em Serpa desde 1994, desenvolvendo projetos nas áreas da arquitetura e cultura na Câmara Municipal.

As bonecas nascem em 2005 no pátio azul da sua casa, o que dá origem ao nome do projeto.

Figuras de aparência delicada, pequenas como um palmo, são intemporais, olhando expectantes para o futuro.

Estabelecem relações e afetos, tecendo fios subtis com quem por elas se apaixonava.



Pedro Zamith (Lisboa, 1971)
Casa da Praça

Licenciatura em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa, 2000.

Curso de Animação 2D pela Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

Bacharelato em Cenografia e Figurinos pela Escola Superior de Teatro e Cinema, 1993.

Pós graduação em Ensino Artístico pela Faculdade de Psicologia de Lisboa, 2006

Professor de Visual Arts no Oeiras International School desde 2011.



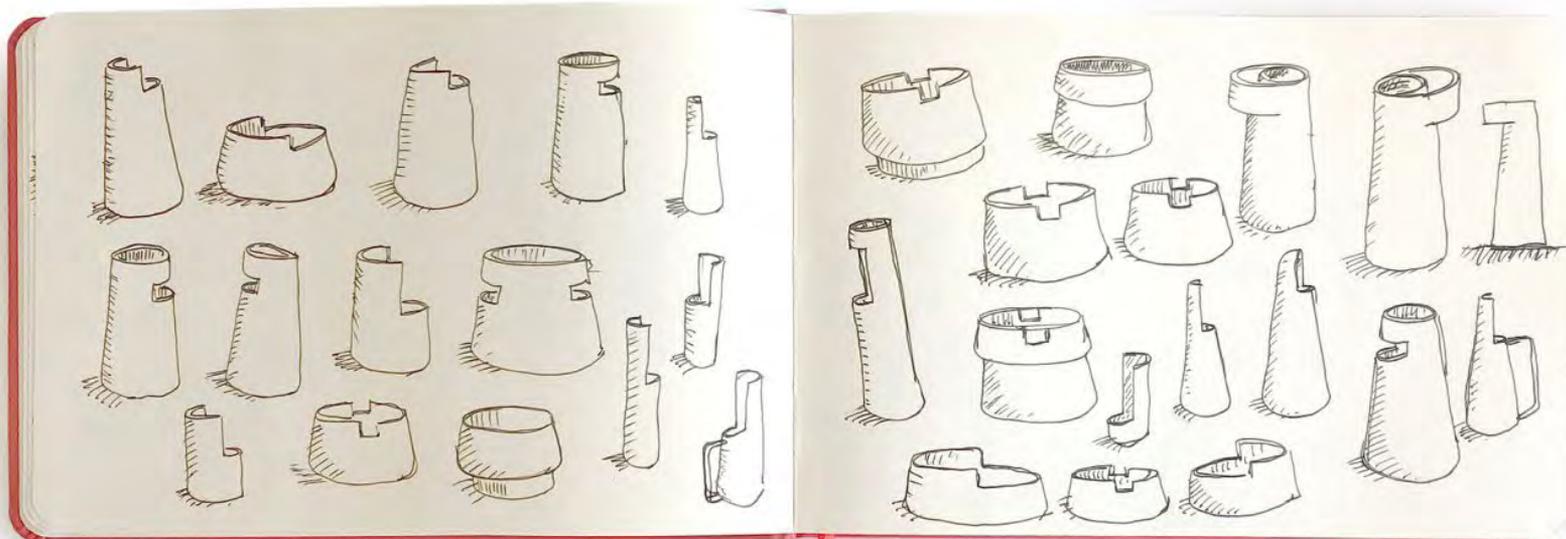
Salomé Soares (Lisboa 2009)
Moagem, Sem-Fim

Aluna da Escola Artística Antonio Arroio- Lisboa
10º ano Artes Visuais



Tiago Mestre (Beja 1978)
Capela de São João Batista, (Cuba)

Em 2002 graduou-se pelo programa de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura de Lisboa. Em 2008, integrou o Programa Independente de Estudos de Artes Visuais da MAUMAUS e, em 2009, o Curso Avançado em Pintura da Ar.co (Lisboa, Portugal). Em 2016, tornou-se Mestre em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP).
Entre suas mostras recentes, destacam-se as individuais Empire, na LAMB Gallery (Londres, 2022), Smoke gets in your eyes, na Kupfer Projects (Londres, 2019) e Noite. Inextinguível, inexprimível noite., na Galeria Millan (São Paulo, 2017)
Vive e trabalha em S.Paulo, Brasil.



Com design, azeite, pão e vinho se faz o caminho

O território de Reguengos de Monsaraz, especialmente a localidade de São Pedro do Corval, é amplamente reconhecido pela sua longa tradição na arte da olaria. Esta é uma das atividades artesanais mais antigas e emblemáticas desta região do Alentejo. São Pedro do Corval é considerado um dos maiores centros oleiros da Península Ibérica. A tradição oleira na localidade existe há vários séculos, onde se realçam achados arqueológicos que remontam à época românica. Apesar de em menor número quando comparando com o passado, nesta freguesia ainda permanecem ativas algumas olarias, que recorrendo a técnicas tradicionais produzem peças utilitárias e decorativas. Desse modo, a olaria está profundamente enraizada na história, cultura e economia local, e que agrega um legado relevante para a identidade olárica nacional.

A pare da olaria, a relevância da produção de azeite e vinho na região destaca-se pela qualidade que é reconhecida mundialmente. Dada a função primordial dos utensílios de olaria, a relação entre estes e a herança gastronómica da região é evidente. Contudo, a função operativa que os objetos de olaria ocuparam nas casas portuguesas até à década de 70 do séc. XX, é diversa do seu posicionamento atual, que se orienta para uma função decorativa. Contudo, a exploração destes elementos e características surgem como possibilidade de exploração projetual, onde a herança cultural, as dimensões plásticas, produtivas e iconográficas, juntamente com o legado gastronómico e atual posicionamento destes produtos regionais, podendo promover iniciativas onde o design contribuiu como agente de dinamização cultural, económica e social.

Este projeto resulta da interação entre as universidades do Minho, Porto e Aveiro, as comunidades artesões, nomeadamente os oleiros de S. Pedro de Corval, a partir de um exercício prático de alunos de design num contexto real.

Neste sentido, o envolvimento com o Museu Aberto de Monsaraz, como possibilidade de aproximação ao território permite um diálogo entre a atividade olárica, e uma resposta criativa aos desafios locais, para estimular soluções que permitam mitigar a desertificação,

Por outro lado, numa perspetiva de economia local, a aproximação dos vários atores sociais, sejam eles a Câmara, a indústria agrícola, o turismo, os artesãos e a sociedade em geral são chamados na sua interação à criação de soluções mais sustentáveis e humanistas.

O Workshop decorre entre 15 e 19 de Julho na casa do Barro em São Pedro de Corval, abrindo diariamente pelas 11:00 ao público em geral para uma partilha de experiências entre académicos e especialistas sobre a forma de uma conversa.

Agradecimentos:

Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz
Esporão
Junta de Freguesia de Corval
Casa do Barro
Escola Básica de S. Pedro do Corval
Mestre Tavares
Olaria Carrilho Lopes



Universidade do Minho
Faculdade de Engenharia



lab2pt
Laboratório de Papagens,
Esporão e Território



ID+ RESEARCH
INSTITUTE FOR
DESIGN, MEDIA
AND CULTURE
research



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



Oficina de lã (atividade paga)
Paula Neves - Guardiã da lã

Nesta oficina têxtil vamos abordar de forma prática todo o processo de transformação da lã, desde a ovelha ao fio:

As lãs Portuguesas e seu contexto.

A lã em bruto; aprender a avaliar o velo e as fibras da lã; Lavagem da lã.

Métodos de preparação das fibras para a fiação: Cramear, pentear e cardar lã. Introdução prática de fiação com fuso e roda.

No final da oficina têxtil levarás contigo a lã que fiaste e a memória desta nobre matéria prima.

Todos os materiais para a experiência estão incluídos

Inscrições:

paulaneves_estudiotextil@gmail.com

Tlm/whatsapp: +351 917 821 124

Local

Casa da lã

Rua do Poço Novo,8

Aldeia do Outeiro

7200-179 Monsaraz



O Esporão nasceu no Alentejo da vontade incondicional de fazer os melhores vinhos. É essa a motivação que permanece na base de tudo o que fazemos, agora alargada a outros produtos e territórios.

Em cada lugar, a natureza inspira-nos e ajuda-nos a fazer melhor. Por isso a respeitamos e protegemos, construindo um futuro mais promissor.

Acreditamos que as empresas devem estar ao serviço da sociedade, e não o contrário. Procuramos por isso ser responsáveis na forma como desenvolvemos a nossa atividade. Essa responsabilidade não é abstrata nem apenas coletiva: é individual, de cada um que faz do Esporão parte da sua vida.

Promovemos o inconformismo, a mudança e a criatividade. Procuramos fazer melhor e não necessariamente mais. Aprendemos que o avanço depende do conhecimento que desenvolvemos e

aplicamos, de acreditarmos e pormos o nosso coração no que fazemos.

A NOSSA MISSÃO

Fazer os melhores produtos que a Natureza proporciona, de modo responsável e inspirador.

Procurámos uma palavra que resumisse a nossa missão. De caneta em punho, um a um, pensámos na resposta. O resultado foi, não uma palavra só, mas várias formas de sentir e fazer parte desta viagem que, juntas, fazem do Esporão o que é hoje — uma empresa familiar constituída por pessoas genuínas, que acreditam no compromisso assumido. Ora veja:

O FUTURO QUE QUEREMOS

Sermos uma empresa familiar, económica, social e ambientalmente sustentável, capaz de oferecer

experiências e produtos únicos que melhorem a vida das pessoas.

OS VALORES QUE NOS GUIAM

Inconformismo

Queremos um mundo melhor com oportunidades e sonhos por realizar. Somos audazes no que nos propomos fazer, acreditando que o esforço e persistência para o conseguir nos farão encontrar novos caminhos. Arriscamos, damos espaço para errar e aprender. As ideias devem vir de todos, em qualquer sítio em qualquer altura. Criamos o clima organizacional e a estrutura que permitam, criativamente, transformar desafios em oportunidades.

Responsabilidade

Apenas existimos se integrados na sociedade, no meio ambiente que nos rodeia e num contexto económico

viável. Assumimos responsabilidade individual e coletiva pelos impactos da nossa empresa e trabalhamos para os minimizar. Comunicamos de forma honesta e objetiva.

Excelência

Primeiro fazemos melhor, depois fazemos mais. Não aceitamos que “o ótimo seja inimigo do bom”. A crítica deve ser construtiva, feita e recebida como tal. São os nossos clientes e a sociedade quem nos julga e somos proactivos a perguntar-lhes, respondendo com a nossa melhoria.



Agradecimentos:

Junta de Freguesia de Monsaraz
Junta de Freguesia de S.Pedro do Corval
Paróquia Nossa Senhora da Lagoa, Vila de Monsaraz
Banda da Soc. Filarmónica Harmonia Reguenguense
Grupo Cultural e Desportivo da Freguesia de Monsaraz
CACI- Centro de Actividades para a Inclusão
– St Casa da Misericórdia de Reguengos de Monsaraz
Casa da Avós/Centro Recreativo Popular de Motrinos
Monsaraz a Caminhar
Centro Cultural do Outeiro
Centro de Convívio da Barrada
Convento da Orada
Departamento de Música da Universidade de Évora
Escola Básica de S.Pedro do Corval
Magia D'Arte- Associação de Artesanato de Reguengos de
Monsaraz
Alice Vinhas
Ana Paula Amendoeira
Antonio Manuel Feijão
Carlos Seixas
Jane Doody, Monte Branco
José Carlos Fernandes
Mauricio Rebocho
Mestre Tavares
Olaria Carrilho Lopes
E a toda a população da Freguesia de Monsaraz

Restaurantes: Restaurante Lumumba, Restaurante Os
Amigos de Monsaraz, Taberna Gato Preto, Restaurante
Sem-Fim, Restaurante O Foral, Restaurante O Alcaide,
Pastelaria Cisterna, Cafetaria Casa da Muralha, Ervideira
Wine Shop, Restaurante Xarez, Padaria a Fonte, Padaria
Gato.



